

# Resumo

Este relatório tem por base o estudo dos restos faunísticos descobertos durante as escavações arqueológicas realizadas por Ana Arruda e Catarina Viegas em níveis da Idade do Ferro, do período Romano e do período Muçulmano na Alcáçova de Santarém. A sua maior parte provém de espécies domesticadas, como sejam ovinos, cabras, porcos, gado bovino, equídeos (cavalos e burros), gatos e cães. As fontes mais importantes no consumo de carne foram o gado bovino, porcos e ovicaprídeos (ovinos e cabras). Saliente-se, no entanto, a importância do veado durante a Idade do Ferro. Entre os animais selvagens, esta foi a espécie mais representada. Alguns restos de javali, corso, lebre, urso, raposa, perdiz e outras espécies de aves estão presentes em pequenas quantidades. Durante todos os períodos a caça terá desempenhado um papel importante na vida dos habitantes de Santarém, mas sempre secundário em relação ao consumo da carne de animais domésticos. A presença de ossos de peixe e de ostras (estes últimos mais comuns após a Idade do Ferro) indicam a exploração dos recursos aquáticos. Foram assinaladas algumas espécies menos vulgares ou raras, casos do urso (no século XIII d.C.), do pelicano (no período Muçulmano) e de cisne (entre 25 a.C. e 50 d.C.), espécies actualmente ausentes na fauna selvagem de Portugal. A sua presença no passado e a sua extinção são uma lembrança triste da influência destruidora dos homens no ambiente. A diminuição na frequência de ocorrência de veado durante as sucessivas ocupações pode reflectir uma redução progressiva da floresta na região de Santarém. As frequências dos animais domésticos mais importantes não sofreram grandes alterações ao longo dos dois mil anos de ocupação da Alcáçova de Santarém, mas regista-se uma ligeira redução da ocorrência de porco no período Muçulmano — provavelmente devido à proibição do seu consumo pelo Islão. Porém, a presença relativamente importante desta espécie, em comparação com outros sítios da Península Ibérica, pode reflectir a presença de uma razoável comunidade de Cristãos em Santarém, ou um regime Islâmico mais “liberal” nesta região a norte do al-Gharb. Um aumento da percentagem de coelho, um animal urbano, durante a ocupação de Santarém pode reflectir o reforço da urbanização da cidade. A galinha, espécie introduzida na Europa durante a Idade de Ferro, está escassamente representada em Santarém neste período, aumentando o seu consumo durante o período Romano. O mesmo sucede com as ostras, facto que pode indicar uma sofisticação dos hábitos alimentares e uma melhoria dos transportes do mar até Santarém. O aumento do número de cortes observados nos ossos dos grandes mamíferos acentua-se ao longo dos tempos por razões não conhecidas, talvez resultantes do aumento da sofisticação das técnicas de corte ou de um aumento na intensidade de exploração das carcaças daqueles animais. Muitos dos restos dos coelhos apresentam marcas de dentes provavelmente produzidas por gatos, animais comensais do homem. O padrão das idades de morte de alguns animais domésticos pode dar-nos indicações sobre o modo como seriam explorados. Por exemplo, em relação ao porco o padrão não sofreu alteração, mas o padrão do gado bovino indica uma diminuição da exploração

de vitelas no período Muçulmano, evidenciando-se no conjunto dos ovicaprídeos (cabra/ovelha) um aumento do consumo de animais jovens durante este período. Estas mudanças ligeiras podem sugerir que a economia durante a Idade do Ferro e no período Romano era baseada sobretudo na exploração da carne de vaca enquanto durante o período Muçulmano era sobretudo baseada na exploração da carne de ovinos e cabras. No entanto, estas diferenças pouco acentuadas devem ser interpretadas com prudência, sendo necessárias mais colecções arqueozoológicas que nos permitam retirar conclusões mais definitivas. A frequência mais alta de jovens galinhas no período Muçulmano pode significar um acréscimo de afluência, ou (como no caso dos coelhos) um aumento da intensidade de exploração da sua carne — devida ao aumento da população humana em Santarém. O estudo biométrico evidencia mudanças de tamanho de alguns animais, bem como as proporções em que os diferentes sexos estavam representados. As dimensões do gado bovino não mudaram entre a Idade do Ferro e o período Romano, contrariamente ao que aconteceu na Europa central durante o mesmo período, onde as dimensões dos bovídeos aumentaram. A proporção dos bovinos de diferentes tamanhos (*i.e.* sexo) indica a presença de mais fêmeas na Idade do Ferro, registando-se a presença de maior número de machos durante o período Muçulmano. A biometria dos ovinos é muito interessante e indica um ligeiro desenvolvimento da morfologia dos ossos deste animal entre a Idade do Ferro e o período Romano, sendo mais acentuada entre o período Romano e o período Muçulmano. Estas mudanças não serão o resultado de uma escolha desequilibrada dos sexos, mas podem reflectir uma melhoria dos ovinos e/ou a importação das raças diferentes. Um estudo mais amplo dos ovinos no sul do país mostra que os ovinos do período Muçulmano já eram maiores, o que indica que talvez os Árabes tenham introduzido melhoramentos em Portugal, já que consideravam o al-gharb al-Andaluz um centro importante. A biometria das galinhas é igualmente interessante e sugere mais galinhas adultas do que frangos adultos no período Muçulmano, situação que pode reflectir a popularidade dos ovos no mundo islâmico. Muitas das deduções apresentadas neste trabalho são hipóteses necessariamente dependentes de uma confirmação no futuro, quando for possível efectuar a sua comparação com outras amostras arqueozoológicas dos mesmos períodos em Portugal.

